



« REDACÇÃO DO ESPOZENDE »

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira Editor—Julio de J. Giesteira Lima Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espoz ende

Ann., sem estampilha 85000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com assignatura annua, sem estampilha e para fóra 105000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 305000 rs. ANNUNCIOS Judiciaes: linha ou esp. de linha 80 c. Repetição, 70 c.—Comun. ou reclamaes, linha 25 c. Imposto do sello, cada publicação, 15 c.—Anuncios particulares: linha 50 c. Reclames e obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.

I. H. M.

O Minho

¿O que devemos entender por *Minho*, e quantos Districtos abrange?

—Desde o principio do seculo XIII que as nossas divisões territoriaes foram determinadas pelos grandes rios que as limitavam; assim, dizia-se:—*Entre Douro e Minho*. Entre Tejo e Odiana, etc.

Estas grandes comarcas começaram a tomar o nome de Províncias no tempo de D. Manuel, no seculo XVI. Mais tarde por brevidade, chamaram á nossa de *Entre Douro e Minho*, apenas—*Minho*.

D'ela faz particular menção o portuense Doutor João de Barros, no pequeno manuscrito do meado do seculo XVI, e existente na Biblioteca Municipal do Porto, com o titulo:—«*Breve Summa de Geografia da Comarca de Entre Douro e Minho*».

Modernamente, tem-se restringido o *Minho* aos distritos de Viana e Braga, sem fundamento legal em que se estribe tal opinião, e talvez no antigo Governo das Armas.

O Decreto de 18 de Julho de 1835, que modelou a nova Divisão Administrativa de Portugal no Mapa n.º 1, que trata dos Districtos Administrativos correspondentes á antiga divisão por Províncias, include na Província do Minho os distritos de Viana, Braga e Porto. Vide *Coleção de Legislação de 1835*, a pagina 212.

Esta organização ainda subsiste nos traços geraes.

O Dr. José Augusto Vieira publicou em 1886 uma corographica minhota, illustrada, — *O Minho Pitoresco*—, em dous magnificos volumes, onde descreve tambem o Distrito do Porto, como fazendo parte integrante do—*Minho*.

Não ha duvida que os limites da *Província do Minho* são ao norte o rio Minho, que lhe deu o nome, e ao sul o rio Douro.

O relator:

L. de Figueiredo da Guerra.

(Da Aurora do Lima)

PALAVRAS AO VENTO...

O MINHO E OS MINHOTOS

Os homens queixam-se, muitas vezes, da vida. E não tem razão para o fazer. O que principalmente os infelicitá e desgraça—é a mesquinha ingratidão que turba os seus espiritos, não lhes permitindo ver nem utilizar, com carinhoso interesse, todos os beneficios que a Natureza proporciona em de-redor—numa santa e bondosa prodigalidade...

Mais do que em qualquer outra parte, o Minho é um flagrante exemplo desta dupla verdade. Olhe á volta essa paisagem de maravilha—e tudo respira nela tanta alegria e saúde, tão esplendorosa riqueza e fertilidade—que parece viver sempre em plena primavera o sorriso eterno da sua eterna juventud... Não ha vale, planície ou várzea, onde a água, muito pura, não surja, numa promessa amiga—e desde os pinheirões da beira-mar, até as matas do Gerez, e da Cabreira; a atmosfera desta região bendita palpita fresca e mocidade—aquela mocidade exuberante e divina que não está contaminada, nem prevertida... O Minho é um sanatório imenso—em que a Natureza quer fazer os corpos sãos—como base necessaria de almas sãs... Os pulmões dilatam-se, a alma parece crear um mais intenso e profundo amor á vida sorvendo, com delicia incomparavel, o ar filtrado e embalsamado que desce dos oiteiros e das planícies, ali aos casaes humildes, que scintilam no santuario dos campos—como orações de trabalho e dedicação á terra...

Pois apesar disto—apesar destes dons que fazem da provincia um rincão privilegiado, ainda ha muita gente que desbarata e despreza—com uma inconsciência que assusta—aquele que só a Natureza pode dar e para cuja aquisição nunca chegariam todos os milhões do mundo... Vêde o valór dessas lindas aldeias, dessas airozas vilas e cidades, modestas e contentes, embaladas docemente no berço de verdura das boiças de pinheiros e das terras de semeadura...

São as pessoas dos grandes centros que as procuram—em busca da vida e da saúde, as duas coisas que estiolam e morren nos doentios aglomerados de população. A sciencia e a civilização impotentes, mandam as victimas do seu desvario para a liberdade sadia dos campos, para a alegria estuante do ar-livre cheios de sol... Pois apesar disto, repito—no meio

da apoteos: magnificente e clamorosa de saúde, que é o clima desta Região admiravel—aparece sempre, por essas estradas além, a surgirem de pequenas casas, que dormem o sonho quieto e sem ambições duma vida humilde—creanças rolas, imundas—por vezes quasi repeitentes... No-entant, se nos quizermos dar ao trabalho de entrar nalgumas casas, é facil constatar que essa falta de asseio não é exclusiva dos filhos—antes, pode estender-se á família toda... E no meio dessa paisagem ideal—onde tudo parece frescura, mocidade e saúde—é doloroso encontrar o contraste de casabres onde nunca entra a limpeza, triste prenúncio da doença que infelicitá. Faz pena e impressiona! Atirar pela janela fóra a saúde, a vida, a hygiene—viver a todas as horas, em contacto com o exemplo abençoado da natureza, muito sadia, que não se cansa de ser boa, dadivosa, amiga—e desprezar o conselho, a admoestação, a saúde... Não será isto—mais do que ingratidão, quasi um crime? Se lhe falardes—essa gente procura uma desculpa: a pobreza. Mas o certo é que o argumento não colhe. A agua borbulha e canta por toda a parte—desde os altos montes, até ás planícies. Não custa nada a ninguém! E ela é tão clara, tão transparente, tão amiga—tão barata... Precisamente uma das características do Minho consiste na abundancia da agua—que torna fértil o seu solo fecundo e venturoso... Não—não faz sentido esta nota desagradavel e pouco hospitaleira de fealdade—suja e torpe—no meio do cenário ridente, colorido e alegre da Provincia. A miséria e a pobreza só podem merecer respeito quando são decentes e limpas—de contrario causam repulsa. Um fato asseiado mesmo de farrapos—uma choupana bem lavada, inspiram simpatia—mais interesse do que uma coisa suja, embora valiosa... Por isso—eu creio que esses, que não sabem aproveitar as riquezas inextotaveis que a Natureza ai lhes proporciona—nem a água, nem o ar, nem o socego...—não são, de verdade, minhotos... Se o fossem—haviam de compreender de amar e de se integrar naquilo que os cerca, haviam—portanto—de aproveitar os beneficios e a lição carinhosa edificante e meiga que tudo, á volta, lhes dá... Mario Gonçalves Viana.

INTERESSES DISTRITAES

Espozênde

Porto de Braga

III
(Continuação)

Embora cerzindo-os, a preocupação dos artigos anteriores, e até deste ainda, é formar *premissas seguras* para tirar conclusões lógicas forçadas.

Desde o principio que tenho deixado transparecer, claramente que os *Cavalos de Fão* são, no momento presente, economicamente indefensaveis como porto comercial.

O Porto, diz-se, não deixará construí-lo; mas se o Porto deixasse, tambem ninguém o construiria; *como comercial*, entendase bem.

Um porto comercial, bem apetrechado, custa rios de dinheiro, muitos e muitos milhares de contos, e é preciso que tenha movimento *assegurado* para dar um rendimento liquido capaz de pagar uns bons juros, *pelo menos*.

Quem e como se crearia, *abruptamente*, esse movimento?.....

Com este sermão de lagrimas quero dizer que os *Cavalos de Fão* devem ficar reduzidos a um *porto de abrigo* que aproveite sómente o... Porto de Leixões?... tambem longe disseo: *in melio est virtus*. Mas o *porto de abrigo feito*, é—quem o duvida?—o porto comercial em marcha em função do seu... rendimento!...

Começa em abrigo, põe um guindaste fraco, outro maior, liga-se a terra—ao caminho de ferro do Vale do Cávado—com carris, duplica o n.º e a potencia dos seus guindastes etc. etc. E' assim... em função de desenvolvimento que lhe trouzer o caminho de ferro, penetrando nas zonas do alto Cávado, fazendo ligação a drenagem natural da zona hespanhola etc.

Nem o Porto lhes faz mal!... O pimpolho com um guindaste, não se vê... De resto, o Porto tem sua clientela tão segura que se os Cavalos de Fão se fizerem porto comercial em função gradual da bacia natural nem se importará nem era justo que se importasse!

Se a linha ferrea principia a ser um facto, ella será simultaneamente, a base economica do aproveitamento dos Cavalos de Fão. Portos sem linhas ferreas não são possíveis; e estas constroem-se primeiro; notavel erro dos defensores dos Cavalos de Fão foi o de não pensar nisso!

Portos sem linha ferrea são coisas teoricas; mais linhas ferreas na costa, sem fertilizar essa costa servindo um porto pelo menos, são linhas ferreas com meia zona economica, ainda fraudada, neste caso, com a proximidade da linha do Minho.

As entidades que constituem a Junta Autonoma do Porto de Espozende tem de colocar lá, já, o representante da linha ferrea e, no proprio interesse desta, deve ser estudada, immediata e afinadamente, o plano geral do aproveitamento dos Cavalos.

Parece, já eu o disse, que foi isso mesmo um argumento final a convencer o grupo inglês; e talvez que este se veja na necessidade complementar de construir, ou organizar a Companhia que construa, o porto de abrigo que, com a sua linha ferrea, serviria quasi todo o distrito de Braga e Viana, e até parte do do Porto.

E, se é certo que foi para chegar a esta primeira grande conclusão que escrevi os anteriores artigos, tambem é certo que ainda não esgotei o assunto nem creio que tirei as conclusões finais que justifiquem plenamente o titulo destes artigos, fazendo interessar Braga pelo que se passa na linha Espozende, ajudando-a, em interesse reciproco, a solucionar convenientemente os seus problemas maximos.

E seria, nesta altura, logica a seguinte pergunta de algum paciente leitor: e é assim que Espozende seria o porto de Braga?

E já não era pouco!... Com linha ferrea dilecta, sem transbordos, e a pouco mais de 30 quilometros, ter Braga o seu porto, o porto do seu distrito... francamente que já não era pouco para a sua economia.

(Continua)

Duarte Carrilho.

Porto de Leixões

No *Diario de Noticias*, de terça-feira, 16 do corrente, vem uma local que passamos a transcrever com a devida venia:

«Uma comissão delegada da Associação dos Armadores Maritimos e Agentes da Navegação do Porto de Leixões convillou ontem o sr. ministro do Comercio a visitar o porto de Leixões para, de «visu», apreciar as lastimosas condições da bacia do mesmo porto, as quais atingiram tal gravidade que de reoar é que a navegação de grande tonelagem deixe de definitivo de frequentar Leixões, calamidade que urge evitar a bem dos interesses coletivos do norte do pais e das proprias receitas do Estado.

O sr. dr. Gaspar de Lemos acedeu ao convite».

O estado d'aquelle porto é assás comprometedor para a navegação mundial.

AOS COLEGAS DA IMPRENSA

Ha bastante tempo que partimos dos colegas que nos distinguem com a sua troca nos vem faltando, não sendo essa permuta regular, com o que muito nos desagrada.

A todos os nossos confrades pedimos a maxima regularidade no envio da sua apreciavel publicação com quem muito nos apraz a permuta.

Bombeiros Voluntarios

Com uma grande concorrencia de sócios, realizou-se emfim a magna reunião dos Bombeiros, já tranferida varias vezes por motivo de força maior.

A reunião efectuou-se no dia 14 ás 15 horas conforme os convites aos socios, na dependencia do edificio comprado ha tempos, pela direcção nomeada em 30 de Agosto de 1924. Esta reunião foi especialmente convocada para confirmação da direcção que vinha administrando a corporação desde cerca de anno e meio, eleição de substitutos da direcção e finalmente leitura e assignatura dos estatutos elaborados pela direcção ha mais de um ano e que parece não agradarem a alguém que dos Bombeiros se tinha apoderado como coisa sua. Mais ou menos á hora marcada, o sr. Alberto F. de Faria, presidente aclamado em 1924, convidou para presidir a assembléa o ex.º sr. Dr. Souza e Costa, que já tinha presidido á ultima reunião de 19 de janeiro findo. Este cavalheiro, convidou mais tarde para secretarios os ex.ºs srs. Domingos Lopes da Costa e Joaquim Nogueira Guerra. Aberta a sessão, o sr. Felipe Gomes, secretario da Associação dos Bombeiros tambem aclamado em Agosto de 1924, pediu a palavra para explicações antes da leitura dos estatutos, sendo nesta occasião interrompido por um pequeno grupo de socios. Serenado o incidente, o sr. presidente da assembleia concedeu a palavra ao referido cidadão, que começou por ler uns apontamentos apresentando no fim dessa leitura uma proposta para um artigo novo nos estatutos, isto é para constarem das suas disposições transitórias, visto que esses estatutos embora já approvados na reunião de 19 de janeiro, ainda não estavam assignados e teriam de ser novamente lidos e discutidos. Essa proposta, que continha materia absolutamente dentro dos trabalhos, apesar do protesto de um pequeno numero de socios, cerca de 10, foi posta á votação pelo ex.º sr. presidente e teve a approvação de quasi todos os socios presentes, cerca de 50. O grupo ao qual não convinha o artigo novo, pois esse artigo autorisa a actual direcção a organizar o corpo activo, abandonou a sala logo após a leitura desse artigo, não esperando pois a sua approvação.

Em seguida foram lidos os estatutos que foram approvados depois de pequenas alterações. Feita pelo sr. presidente a proposta para a confirmação da eleição dos corpos gerentes da Associação Humanitaria e Beneficente dos Bombeiros Voluntarios d'Espozende, foram assim aclamado:

Presidente—Alberto Fernandes de Faria.

Vice-presidente—Lourenço da Costa Leitão.

1.º Secretario—Felipe C. d'Ameida Gomes.

2.º Secretario—P.º Adelino Pedroza.

Tesoureiro—Alvaro Carvalho

2.º Tesoureiro—Tito José Evangelista

Está finalmente constituída legalmente a Associação dos Bombeiros Voluntarios de Espozende, só esperando a nossa terra que aquellos cavalheiros que agora foram confundidos nos seus logares e eleitos deem a referida instituição todo o carinho de que ella precisa para assim poder triumphar. Larga a fente é que é o caminho.

Batismo

Realizou-se na 5.ª feira da semana ultima na igreja parochial desta vila o batismo de um filhinho do nosso amigo Sr. Querubim Evangelista da Silva, chefe da repartição de Finanças e de sua esposa sr.ª D. Maria Angélica de Oliveira Lima, recebeu o nome de Manoel José Maria.

Foram padrinhos das cerimoniaes civil e religiosa, o sr. Dr. Manoel Evangelista da Silva e a Sr.ª D. Olivia Evangelista da Silva, tios do neófito.

Casamento

No luxuoso palacete dos pais do noivo, a Foz do Douro, realizou-se no dia, 25 de Fevereiro proximo p. o enlace matrimonial da gentil e prendada filha do nosso conterraneo e importante capitalista Sr. Francisco da Rocha Gonçalves, a Ex.ª Sr.ª D. Maria da Soledade Rocha Gonçalves, com o importante comerciante na cidade do Porto, Sr. José Apolinario Texeira Brochado, filho do tambem antigo e conceituado comerciante na mesma cidade, Sr. Ernesto Brochado e da Ex.ª Sr.ª D. Tereza Taveira Brochado.

Durante o almoco que foi fornecido pela acreditada confeitaria Oliveira, reinou sempre a maior alegria e satisfação, sendo constantemente levantados muitos brindes não só de apreço ás boas qualidades dos noivos, mas tambem pelas suas felicidades e de seus pais.

As alianças foram conduzidas pela menina Maria do Céu Loureiro e Vasconcelos; interessante prima da noiva, vindo-se na corbeille desta riquissima prendas.

Os noivos, a quem desejamos um futuro perme de felicidades partiram para o Bussaco afim de gosarem a lua de mel.

CONTRIBUINTES INDUSTRIAIS

Terminando no fim do corrente mês o prazo para entrega na Repartição de Finanças deste concelho das declarações da Contribuição Industrial do ano de 1925-a-1926; avisamos os nossos leitores interessados, de que fóra do prazo acima indicado só com multa poderão ser recebidas as mesmas declarações.

A NOSSA CAMARA E AS PEIXEIRAS

Instigando á desordem

Estão em greve as contratadeiras de peixe.

Não querem sujeitar-se ao regulamento municipal que as obriga a munirem-se de uma licença para o exercicio d'aquella industria—embora o liveness feito já no ano economico findo—e, para não cairem na alçada da lei, resolveram abster-se de efectuar compras.

Mas essa abstenção—apenas simulada, pois por baixa mão vão fazendo o negocio que podem—não se manterá por muito tempo e nem mesmo chegaria a dar-se se certos mentores não andassem encapotadamente a incitar as mulhersinhas ao não pagamento dos impostos que, quer pelo lado moral, quer pelo lado legal devem e tem de pagar.

A má vontade de certos bairristas contra a Camara, manifesta-se claramente neste caso palpante;—nem a outra cousa podemos attribuir a campanha que arditosamente se vem fazendo n'este sentido.

Aproveitando a ignorancia das peixeiras, ha quem procure lançal-as no caminho do desrespeito ás leis municipaes, falando-se até numa proxima movimentação dos pescadores no intuito de fazer com que a nossa edilidade pratique a immoralidade—que outro nome não teria—de escutar as açambarcadeiras da licença que todos os outros pagam, esquecendo-se esses senhores agitadores que a lei pune aqueles que pretendem provocar a desordem.

Seguem, porem, caminho errado em nossa opinião, pois nenhum resultado tiram nem dos comicios que ri-

diculamente fazem pelos cantos da ribeira, nem da fraseologia pouco ou nada decente com que enfloram os seus discursos para emprestar coragem ás contratadeiras afim de não furarem a greve.

Tudo isso nada vale, estamos certos porque a ex.ª Camara que é composta de homens honestos, inteligentes e de caracter recto não deixará vingar, o proposito, das peixeiras e de quem as lunge.

E' de justiça, é de consciencia e é de lei que paguem os seus impostos ao municipio. Tem, portanto, de pagal-os.

Não pode haver excepções, que são sempre odiosas e que por isso mesmo não se adm tem.

A illustre edilidade espozendense, que tão a peito tem tomado os melhoramentos da nossa terra como por factos se demonstra, ha de manter-se firme na resolução que tomou de as compelir ao respeito pelos regulamentos do concelho.

E' o nosso desejo, e é o desejo de todo o povo da vila que se sente revoltado não só contra a attitude insolita de meia duzia de açambarcadeiras que apenas servem para explorar altamente a nossa bolsa, levando-nos ainda em cima o peixe melhor para fora do concelho, e para maltratar com palavras ordinarias e obscenas os que pretendem fazer no caes qualquer compra, por pequena que seja,—como tambem e ainda contra o revoltante e inqualificavel procedimento dos que as manobram na sombra.

Haja juizo e mais um pouco de bairrismo, sob pena de termos de falar claramente pondo os pontos nos i i i...

INSTITUTO DE SOCORROS A NAUFRAGOS

Realizou-se hontem pelas 16 horas, na sala das sessões da estação local, a entrega de medallas, diplomas e recompensas pecuniaras a diversos individuos que de qualquer forma se tornaram dignos d'ellas. Para esse acto se revestir de maior aparato, fez-se tambem uma sessão solene á qual compareceram algumas senhoras e varios individuos da terra e de Barcelos. Trocaram-se varios discursos referentes ao acto com o de resto é usual n'estas occasiões. Estranhámos que no convite se discesse que iam ser inaugurados os retratos dos antigos presidentes e secretarios da comissão local, quando afinal vimos apenas a ampliação d'um grupo que já ha anos existia na sala das sessões, do qual fazem parte os nossos saudosos amigos Bernardito Moreira, Antonio Domingues Lopes e João José Lopes Junior e do ainda sobrevivente sr. Xavier Viana, alma pura de verdadeiro Espozendense, que em terras d'Africa sente cada vez mais a nostalgia da sua e nossa querida Espozende. Não podemos deixar de notar tambem a precepitação da festa para o dia d'hontem, quando o Instituto de Socorros a Naufragos está de pesado luto, visto que não há oito dias ainda, faleceu o seu benemerito presidente o sr. contralmirante Hypacio de Brito.

O que é a mania das datas...

NOVIDADE LITERARIA

Violetas Dispersas

(VERSOS)

—DE—

Maria da Silva Vieira

Um elegante volume contendo muitas produções poeticas em magnifico papel acetinado com o retrato da extincta.

PREÇO..... 2\$50 RS.

O producto da venda da edição é destinado ao levantamento na sua sepultura de uma lapide comemorativa.

A venda em todas as livrarias do pais e em Espozende na Typografia Espozendense, e José da Silva Vieira.